

Economia pára à espera do que vai acontecer em 15 de março

Brasil

HELOISA ARRAES

SÃO PAULO — O País vai fechar na semana que vem. A frase, dita por Paulo Ferreira, Vice-Presidente Comercial da Dow Química, uma das maiores empresas do setor, mostra bem o que está acontecendo na indústria e em todos os segmentos produtivos da economia. Ninguém quer atravessar o dia 15 de março com excessos — de produtos, de pessoal ou de contas a pagar ou a receber — e, por conta disso, os diversos setores da economia entraram num processo de desaceleração que deverá trazer a velocidade para perto do zero, na semana que começa.

Isto é mais nítido nos setores que nesta época do ano, sazonalmente, já enfrentam queda de vendas. É o caso, por exemplo, da indústria de brinquedos, que este mês está com a produção entre 15% e 20% abaixo da média do ano passado, segundo Emerson Kapaz, Presidente do Sindicato da Indústria de Brinquedos de São Paulo. Segundo ele, a opção para algumas empresas foi ampliar férias, alcançando alguns dias de feriado.

A indústria de cosméticos também está trabalhando a meia carga. Segundo Max Abdo, Presidente da Niasi — fabricante do Biocolor e do esmalte Niasi — algumas empresas estão totalmente paradas. Na Niasi, a produção está 50% abaixo do normal. A decisão de continuar produzindo, mesmo com as vendas em baixa — o trimestre deverá fechar com 40% de queda, em relação ao mesmo



Mário Amato, Presidente da Fiesp



Olavo Setúbal, Presidente do Itaú

período de 1989 —, atende à política da empresa, de não dispensar mão-de-obra. Mas as pressões são grandes, diz Abdo, porque os fornecedores só vendem com prazo de pagamento até 14 de março e, para conseguir vender, Abdo tem de manter os prazos em até 30 dias — e, o que é pior, com juros abaixo do mercado.

Mas na Dow Química a produção é normal, informa Ferreira. A empresa, que opera em turnos de 24 horas, sofreria prejuízos maiores se reduzisse o nível de produção. Além disso, ainda pode manter a produção por 20 dias sem problemas e, se a queda nas vendas perdurar, ainda disporá do mercado externo. As exportações atingem US\$ 80 milhões anuais, num faturamento de US\$ 500

milhões, e as vendas ao exterior podem crescer praticamente sem limite. Segundo Ferreira, a queda de vendas no mercado interno foi tão forte nos primeiros dias do mês que em março deverá ser vendido apenas um terço do resultado de fevereiro.

O comércio, por sua vez, parou de fazer pedidos, diz André Ranschburg, Presidente da Staroup SA, fabricante de jeans. Na primeira quinzena do mês a paralisação foi ainda maior, em função dos boatos de que o atual Governo tomaria medidas drásticas para conter o crescimento da inflação. Apesar disso, a Staroup não reduziu a produção, para atender pedidos antigos. Mesmo que a situação piore nos próximos dias, Ranschburg acredita poder ampliar um pouco os estoques, geralmente suficientes para 20 dias.